
O Menino e a cerejeira: aprendizagem da resiliência

Por Simone Carleto¹

O espetáculo da Borbolina Companhia foi acolhido com grande apreço pelo público infantil presente no Cine Santana durante o Festivale. Este espaço conta com aproximadamente 300 lugares, que estavam quase lotados por crianças das escolas públicas do entorno. A citada recepção deve-se a alguns atributos da obra, dotada de lirismo e elaborada poeticamente em todos os seus elementos, que são dispostos harmonicamente como uma ikebana. A arte da ikebana consiste em valorizar a beleza natural das flores e folhas, dispondo-as harmonicamente em consonância com o ambiente com o qual ela colabora. De modo análogo, *O Menino e a cerejeira* traz ao palco a inspiração da cultura oriental, já que a obra transita com conto registrado por Daisaku Ikeda e diversos elementos da cultura japonesa. O cenário, por exemplo, é composto por biombos de tecido e bambu que são utilizados para ambientar as cenas, além de lanternas, tambores japoneses e outros adereços cênicos. Do mesmo modo, os figurinos remetem ao vestuário japonês. A trilha sonora também é composta nessa direção, com destaque para o *Taiko*, executado para iniciar a narrativa e em momentos de culminância da história de Tuiuti.

O garoto perdeu o pai na guerra e aprende coisas novas enquanto brinca com seus amigos, durante o dia, compartilhando com a mãe quando retorna para casa, à noite, após o trabalho de engraxar sapatos. Nessas andanças, que se ampliam paulatinamente, ele conhecerá o sábio ou mestre que auxiliará na transformação de sua trajetória.

O elenco, composto por Alle Paixão, Cleber Tolini, Giuliano Caratori e João Bourbonais, atua como as personagens e também pássaros que estabelecem relação com a metáfora do *Tsuru*, representando a busca pela liberdade. Com

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

direção de Stella Tobar, as personagens dirigem-se ao público e com ele dividem sensações e sentimentos internos, o que certamente contribui para estabelecer relações de alteridade entre as personagens e público. Esse é um dos motivos que identifiquei para que o espetáculo garanta tanta atenção dos presentes. Além disso, o trabalho de respiração traz uma atmosfera meditativa, que possibilita que o público capte algumas camadas metafóricas da peça. Ou seja, estabelece-se uma comunicação direta, porém em camadas complementares de significância.

Enquanto muitos duvidavam que os cuidados de Tuiuti e o mestre - que ele passa a chamar de vovô - surtiriam efeito de vida sobre a cerejeira eles permanecem inabaláveis em sua confiança. Esse aspecto pode ser transposto para a realidade das crianças desse nosso mundo ou país (que é todo periférico), quando elas se vêem perdendo o contato com suas mães e pais, por conta da dura realidade social em que vivemos. Esse quadro é mais comum do que se pode imaginar, constituindo-se em uma espécie de "zona de guerra" contemporânea.

A cerejeira, característica do Japão, traz a simbologia da renovação. A felicidade que ela representa é traduzida na montagem de *O menino e a cerejeira* como a capacidade de reconstrução. Esta torna-se possível apenas e tão somente por mobilização conjunta em torno de algo relevante para um grupo social. Por isso, diz-se que os samurais, guerreiros orientais, elegem debaixo de uma cerejeira como local privilegiado para meditar. Prática com a qual as crianças e adultos que assistem ao espetáculo tomam contato, de forma lúdica, trazendo para reflexão exemplos de formas alternativas de enfrentar os conflitos, tão presentes na atualidade.

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.